

# TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA  
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

---

VOL. XI — FASC. 3-4  
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)

---



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

# Notícias da necrópole de São Tiago de Arados descoberta no séc. XVIII

POR

ANTÓNIO CRUZ

Director da Biblioteca Pública Municipal do Porto

---

As cartas do Cónego da Sé do Porto Bernardo de Azevedo e Carvalho que se publicam adiante pertencem a uma colectânea onde foram reunidas todas as que o seu autor enviou, em 1721, 1726 e 1727, a D. Manuel Caetano de Sousa, remetendo-lhe notícias que interessam, de modo particular, à história da Diocese Portucalense.

O valor particular das cartas advém-lhes do próprio conteúdo, pelos elementos que fornecem ao estudioso ou ao simples curioso. É dispensável, pois, qualquer comentário. Mas quem as publica julga do seu dever antepor-lhes breves palavras, para dizer da sua proveniência, das pessoas que nelas intervêm e do propósito que as determinou. No conjunto, são estas algumas das razões que ajudam a situar as cartas no tempo e no lugar próprio que devem ocupar, dentro do campo vasto dos subsídios para a história da arqueologia portuguesa.

1. *O manuscrito.* — As cartas do Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho estão integradas no códice n.º 8.750 da Biblioteca Nacional. Deu notícia destes documentos o Sr. Dr. Mesquita de Figueiredo (1).

---

(1) V. António Mesquita de Figueiredo, *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*, pág. 56 (Lisboa, 1933).

Como se trata dos próprios originaes das Cartas, é de admitir que tenham sido integrados na Biblioteca Nacional quando ali foram também recolhidos outros documentos da Academia Real de História. Adiante se dará explicação do raciocínio que levou a semelhante hipótese. Neste lugar, cabe apenas transcrever algumas das linhas que Pedro de Azevedo antepôs à publicação, no *Arqueólogo Português* (1), do livro 2.º da correspondência expedida e recebida, pela Academia. E diz o saudoso e grande arquivista que «com o desaparecimento da Academia Real de História muito se perdeu do cartório da Academia, mas alguma coisa resta dele entre os manuscritos da Biblioteca Nacional».

As primeiras Cartas da colecção — dezassete, ao todo — referem-se apenas a pontos ligados com a história da Diocese do Porto. Interrogado acerca de fontes inéditas, memórias e outra documentação, o Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho respondia sempre com apreciável soma de pormenores e desembaraço. Têm, pois, o seu interesse, para a própria história da cidade, essas cartas. A seu tempo virão também a público, se Deus quizer. E então poderá o leitor concluir, como eu, que o autor das Cartas revela erudição invulgar para o seu tempo e ainda um conhecimento perfeito das fontes onde melhor podia documentar-se para o seu propósito.

2. *O autor.* — Segundo informa o Rev. Doutor António Ferreira Pinto, no seu volume de estudos sobre *O Cabido da Sé do Porto* — trabalho que é de imprescindível consulta, anote-se de passagem, para tudo quanto diga respeito à própria crónica citadina — o Rev. Bernardo de Azevedo e Carvalho tomou posse do canonicato em 13 de Novembro de 1702, tendo nele resignado,

---

(1) V. *Arqueólogo Português*, vol. XXVI, pág. 37, art. de Pedro de Azevedo: *O livro 2.º da correspondência expedida e recebida pela Academia Real da História.*

por coadjutoria e futura sucessão, seu tio Domingos Carvalho de Azevedo. Veio a falecer aos 20 de Dezembro de 1729 e foi sepultado na Sé Catedral (1).

Da primeira das cartas adiante publicadas — e que é junta, aqui, às restantes, apenas por conter esse pormenor biográfico, — depreende-se que o Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho exercitou também o cargo de Vigário Geral do Bispado.

3. *Fim das Cartas.* — O Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho endereçava as suas Cartas a D. Manuel Caetano de Sousa. E logo na primeira, datada de 8 de Março de 1721, diz o seguinte:

«Entreí a fazer a delligencia que me fez merce recomendar das noticias p.<sup>a</sup> a historia Portugueza. . . »

Daqui se conclui, de pronto, a que fim visavam estas Cartas. Adiante vai explicação completa deste ponto.

4. *A primeira notícia da necrópole.* — Baseado nos elementos que lhe enviou o seu correspondente, D. Manuel Caetano de Sousa deu notícia da descoberta da necrópole de S. Tiago de Arados, na Conferência da Academia Real da História Portuguesa, de 23 de Janeiro de 1727.

É por demais sabido que no vasto plano da acção benemérita da Academia estava compreendida a recolha, através de todo o Reino, de notícias que interessavam a cada um dos aspectos gerais e particulares da sua História. Esta a preocupação dominante daqueles que, por seus méritos, foram chamados a colaborar na iniciativa de El-Rei Magnânimo. E a mesma preocupação

---

(1) V. Cónego Dr. António Ferreira Pinto, *O Cabido da Sé do Porto*, vol. VI da colecção de «Documentos e Memórias para a História do Porto», pág. 179 (Porto, 1940).

dominava também os correspondentes — fossem eles ou não académicos — que de toda a parte e com louvável solicitude acorrem a juntar notícias e a rebuscar as fontes, carreando assim elementos preciosos para a História monumental que a Academia empreendeu.

Vale a pena extrair da notícia da Conferência referida atrás aquela parte em que D. Manuel Caetano de Sousa resume e comenta as informações que lhe foram enviadas pelo Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho. Este é o melhor, o mais expressivo dos prólogos que pode antepor-se à publicação das Cartas. E diz assim:

« Como logo no principio da Academia, por ordem especial de Sua Magestade, encomendey a todos os Reverendos Commissarios da Bulla da Cruzada deste Reyno, e suas Conquistas, que me mandassem as noticias, que pudessem conseguir dos seus dstrictos, ao que todos satisfizerão com pontualidade; ultimamente tive hum aviso do Reverendo Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho, dignissimo Commissario da Bulla do Bispado do Porto, em que me escrevia teremse achado no Concelho de Bemviver, humas sepulturas antigas, com algumas circunstancias muito dignas de reflexão.

A primeira relação que tive, diz: Que no concelho de Bemviver, Freguesia, e Couto dos Religiosos do Mosteiro de S. João de Pendorada da Ordem de S. Bento ha hum monte, chamado Monte de Arados, (nome que se lhe impoz por hum estratagema de seus antigos habitadores, contra o poder dos mahometanos) e no mais alto delle se acha edificada huma Capella de Santiago, e que no circuito della se conservão vestigios de humas paredes, que dizem ser feitas pelos Mouros, (principio, que o vulgo costuma dar aos edificios, cuja antiguidade se ignora) e no pé deste monte pela parte do Poente, havendo de se fazer humas casas por ordem do Reytor de Sandim, e descobrinda-se a parte em que

se havião de edificar, se descobrirão muitas covas, feitas ao modo de sepulturas, e que nellas se acharão diversos vasos de barro vermelho, de varios feitios, e alguns pregos, e huma pedra de Sepultura, lavrada, e na cabeça della, huma Cruz dentro em hum circulo, dividido com ella em quatro partes iguaes. Nessa mesma sepultura se acharão duas pequenas moedas de cobre dos Emperadores Constante, e Constancio, dos quaes o primeiro imperou até o anno de 350 e o segundo imperou até o anno de 361.

Com esta noticia recomendey mais exacta diligencia, e tive mais individual relação, de que aquellas sepulturas serão dez, ou doze, em altura pouco mais, ou menos de quatro para cinco palmos, que estarião distantes humas das outras tres, ou quatro palmos, e que occuparião todos a extensão de trinta até quarenta palmos, que todas tinhão por cima lousas de pedra, e outras tambem pelas bandas, que corrião do Norte para Sul, e que nas cabeças tinhão os diversos vasos de barro, que ficão ditos; mas não declara a relação, estavão para a parte do Oriente, se do Occidente; e confesso, que não me occorreo senão hoje, que lhe faltava esta circumstancia não indigna da memoria, á vista dos diversos costumes, que tiverão nesta situação os antigos; porque os Athenienses voltavão os cadaveres para o Oriente, e os Phénices para o Occidente, como diz Lilio Gyardo (*de Vario Sepelendi ritu*, pág. 657) e dos antigos Christãos sabemos, que sepultavão os corpos com a cabeça para o Occidente, e os pés para o Oriente, como escreve João Bautista Casalio (*de Veteribus Sacris Christianorum ritibus*, cap. 66, pág. 266). Não se acharão cinzas naquelles vasos, Só em huma sepultura se achou huns ossos muidos, que mostrão ser de cabeça. Tambem nas sepulturas se acharão pregos de ferro, como fica dito, e alguns de diferentes feitios, e que entre estas dez, ou doze sepulturas, se achou huma para a parte do Poente, com huma pedra lavrada por dentro, e no alto della huma Cruz da fórmula, que já fica dito, e que esta

pedra estava encostada à sepultura. Que também se achou huma pia de pedra pequena, que levaria duas, ou tres canadas de agua, e que se acharão mais duas, ou tres covas redondas, cubertas de lousas, tundo no mesmo sitio, junto do qual se acharão ha annos talhas, e urnas, e que nas talhas se acharão cinzas e carvoens. Muitos daquelles vasos se quebrarão ao cavar, alguns delles tem a fôrma dos vasos, em que vem a agua de Espà, e estas tem huns burequinhos no bojo. Hum daquelles vasos tem abertos estas letras MAROI.

Tambem em hum pequeno pucaro de cor verde se achão os caracteres seguintes (1): e pela outra parte do bojo tem outros caracteres nesta forma (2).

Conferidas todas estas circumstancias, com o que sabemos dos antigos ritos sepulchraes, me parece, que podião ser curiosa materia de huma Dissertação Filologica, principalmente havendo em huma daquellas sepulturas a Cruz, final do Christianismo, e nas outras, urnas, e outras cousas usadas do Gentilismo. Das medalhas de Constante, e Constancio se vê, que a sepultura em que se acharão, não tinha mais alta antiguidade. Duas outras medalhas mayores também de cobre se acharão entre a terra, e não se advertio, de qual das sepulturas se tirarão; em huma já se não via figura, a outra he de Lucio Vero, que principiou a imperar no anno de Christo 189.

Tambem póde servir, para dar alguma luz, o conferir os lugares, em que os Romanos fazião as sepulturas, como escrevem Pedro Morestello na sua Pompa Feral; o Padre Francisco

---

(1) Os *caracteres* a que se refere D. Manuel Caetano de Sousa e por ele reproduzidos neste passo da sua comunicação, são os mesmos que insere a Carta III-A, do Capitão Manuel de Azevedo.

(2) *Idem, idem.*

Pomey na sua *Libitina*; Jacobo Guterio *de Jure Manium*; Lilio Gregorio Gyraldo *de Vario sepeliendi ritu* e outros muitos, que tratão desta materia: com o que diz do Monte de Arados a *Benedictina Lusitana* tomo 2. pagina 200. (1) e seguintes, e o Padre Antonio Carvalho da Costa na sua *Corografia Portugueza* tom. I tratado 4. Cap. 12 (2) fallando do Concelho de Bemviver, pag. 397. a donde descreve o sitio de Santiago de Arados, ao pé do qual se acharão agora as sobreditas sepulturas. Se eu tiver algum tempo menos occupado, de boa vontade escreverey mais largamente sobre esta materia, por ser pertencente á *Historia do Porto*» (3).

---

(1) Ao contrário do que podia inferir-se, ao primeiro raciocínio, do passo alegado por D. Manuel Caetano de Sousa, Fr. Leão de S. Tomás não dá, na *Beneditina*, qualquer notícia de carácter arqueológico acerca de S. Tiago de Arados, limitando-se a discorrer, ao longo de mais duma vintena de páginas, sobre as origens do mosteiro beneditino de S. João de Alpendurada.

(2) Ao referir-se ao concelho, agora extinto, de Bemviver, na sua *Corografia Portugueza*, o Padre António Carvalho da Costa escreve:

«Todo este Concelho he huma serra dividida em altos montes, que se despenhão no Tamega, & Douro, hum dos quaes se chama Santiago de Arados, nome que tomou de huma Ermida deste Santo Apostolo, que no alto a coroa em huma larga planicie, depois de se sobir a ella huma legoa do Douro; he frequentada de muitas Freguesias com clamores annuaes por voto de seus antepassados; dizem huns, que por o Santo os favorecer aqui em huma occasião, em que os Mouros na restauração de Espanha se haviaõ amparado deste sitio, que os Christaõs lhe ganharaõ numa noite, ajudandose do estratagemas de por luzes nas pontas do gado, & guiallos alguns por huma parte, em quanto os mais sobiaõ por outra; sinaes se vem de hũa estrada soterranea por onde se communicavaõ com o Douro, & se tem achado nella alguns mineraes».

Pelo que se vê, esta notícia contém pormenores que interessam à história do castro de São Tiago de Arados e não, particularmente, à da sua necrópole.

(3) V. *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza* . . . , tomo 7.º, pág. 4 (Lisboa, 1727).



5. *Conclusão final.* — Quer das Cartas do Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho, quer da breve memória que redigiu, baseado nelas, D. Manuel Caetano de Sousa, colhe-se a notícia duma necrópole caracteristicamente luso-romana que existiu em São Tiago de Arados, freguesia de Ariz, actualmente do concelho de Marco de Canaveses. O espólio ceramológico inventariado naquelas notícias parece esclarecer-nos de que esta necrópole era idêntica a tantas outras das terras do norte. O aparecimento de moedas marca-lhe, com segurança, a cronologia.

Interessantes, ainda hoje, para o investigador, estas Cartas valem, sobretudo — em nossa modesta opinião — como documentos do interesse que a arqueologia despertava no país, nos princípios do século dezoito. Que esse interesse caracterizasse um D. Manuel Caetano de Sousa e a benemérita instituição a que ele prestou a melhor, a mais benemérita das colaborações, vamos! Porém, que fosse mais do que simples curiosidade o que movia um Cónego da Sé do Porto, embora ilustrado, e um Capitão de Ordenanças que vivia isolado num recanto provinciano, isso é que é de estranhar. De estranhar — e de anotar. E foi o que se fez.

Porto, Junho de 1948.

## I

Rm.º Sor.

Meu Amo e meu Sor. rendo a V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> as gracias e me ponho a seus pes pela grande m.<sup>ce</sup> e honrra que me fas de me permitir suas noticias com as quoaes me ficão os seguros Logra boa saude permita Deus dar lhe amais perfeita como lhe desejo e fico rogando ao mesmo sor. Iha conseda e todas as felicidades.

Tambem agradeço a V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> o aprovar a accção que fis de largar a occupação de vigr.<sup>o</sup> g.<sup>al</sup> deste Bispado pois ofis movido de que sendo eu conego desta see não hera politica continuar na dita occupação ficando o meu Cabb.<sup>o</sup> sem o governo, sei que o sor. Arcebispo de Braga recomendou ao G.<sup>or</sup> deste Bispado me movece a continuar, porem eu insisti na rezulucção que tinha tomado, e finalm.<sup>te</sup> p.<sup>a</sup> honrra me basta o ser subdito de V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> e a m.<sup>ce</sup> e honrra que me fas.

Veja meu Sor. se quer faca alguma couza de seu servico que não so me tem certo com efficacia, mas tambem apeteço m.<sup>to</sup> o emprego de seu criado.

Ds. g.<sup>de</sup> a V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> m.<sup>tos</sup> a<sup>s</sup>. Porto 25 de Mayo de i 726.

Aos pes de V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>

Seu menor criado

*Bernardo de Azd.<sup>o</sup> e Carv.<sup>o</sup>.*

Rm.º Sor. D. M.<sup>el</sup>  
Caetano de Sousa.

---

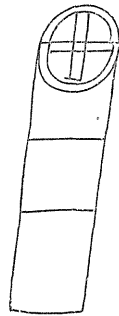
## II

R.<sup>mo</sup> Snr.

Meu amo e m.<sup>to</sup> meu S.<sup>or</sup> Premittame V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> porme a seuz péz, e significar-lhe lhe dez a saude maiz prefeita, e todaz az felicid.<sup>des</sup> o q̃. não cesso em rogar a D.<sup>s</sup> lhe conceda.

Como sei o dizvello com q̃. V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> chamado monte dos Arados, e no mais alto delle está situada hũa capela de Sam Tiago no sercuito della se acham hũa parede que dizem ser feita pelos mouros, e no pé deste monte p.<sup>la</sup> p.<sup>te</sup> do poente fazendose hũas cazas, e descobrindose a p.<sup>te</sup> donde se auiam de fazer se acharam cantidade de couas feitas ao modo de sepulturas, achando se nellas emfuzas de diuersas castas, barris, tigellas, e pucaros de barro uermelho, e pregos, e tambem se achou hũa pedra de sepultura laurada e na cabessa della hũa crux como abaixo se mostra, e dentro nesta se acharam duas moedas com cara e letra, e mais se acharam duas moedas que eram imcluzas.

Segue-se a crux.



Vendo az Infuzas q. vierão, e maiz traztez de barro de tigelaz, e pucarinhos quazi tudo são cacos ou pedasos do q̃. foi.

E som.<sup>te</sup> trez infuzas he q̃ estão out.<sup>ros</sup> de se poderem remeter; porem duaz dellaz são do feitio de bilhas ou almo-toliaz, ou p.<sup>a</sup> melhor dizer são do modo de huaz bilhaz em q̃ coztuma vir agoa de Spar do Norte; porem de barro vermelho, e estaz tem hunz buraquinhos no bojo q̃ mostrão, ou parecem ser feitoz ia no tempo q.<sup>do</sup> se meterão naz sepul-turaz.

A outra infuza mostra q. teue duaz azas, não tem buracos, e só por uma do bocal tem hua quebradura.

L.<sup>to</sup> az tigelaz duaz são p.<sup>a</sup> feitio de frigideiras de barro estão sanz, são tambem de barro vermelho grosso; veyo maiz outra tigela da mesma sorte, maz gasta da terra e com hũa fenda ainda q̃ pouco penetrante; maz tambem na borda tem algunz bocados quebrados.

O maiz tudo são cacos, ou pedasos do q. foi... fez não há q. ver e som.<sup>te</sup> hũa tigelinha pequena de barro vermelho quebrada por hũa parte, na se emprega... se averi-gue na Academia tudo o q̃ se possa dar a luz da Historia Portugueza lhe remeto essa pequena rellação incluza do q̃ se achou debaixo da terra em hũa obra rustica q̃ se anda fazendo ao pé de hu monte, e fica em hũa ponta aguda q. faz o Rio Tamega q.<sup>do</sup> se mete no Douro no citio de entre amboz oz Ríoz: com esta rellação tambem remeto a V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> trez medalhaz q̃ se acharão duaz em hũa sepultura, e entendo q̃ tambem a terceira sahiria della, poiz som.<sup>te</sup> se descobrio solta na terra ao depoiz de descobrir a sepultura e se tiraz terra da mesma, e não se sabe se sahio de dentro, ou se estaria avulsa por fora. Maiz se achou outra, maz tão gasta q̃ della se não diuiza forma algũa: estimarei q̃

dellaz se descubra algũa noticia: Àz d.<sup>as</sup> trez medalhas vão no embrulho incluzo; fico aoz pez de V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> rendido. Ds. gd.<sup>e</sup> a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> m.<sup>s</sup> a.<sup>s</sup>. Porto 23 de Nour.<sup>o</sup> de 1726.

Aos pes de V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>,  
Seu Menor Criado

*Bernardo de Azd.<sup>o</sup> e Carv.<sup>o</sup>*

Rm.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> Dom Manoel  
Caetano de Souza.

---

III

R.<sup>mo</sup> Snr.

Meu amo, e m.<sup>to</sup> meu S.<sup>r</sup> Agradeso m.<sup>to</sup> a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> a grande m.<sup>ce</sup> e honra ã me fáz em me continuar suas noticias movido do seu benigno animo, e não do meu merecim.<sup>to</sup> p.<sup>lo</sup> ã me ponho a seuz péz, e tambem por me seruirem de anuncio p.<sup>a</sup> az boaz feztaz, tenha az V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> m.<sup>to</sup> alegrez com todaz az felicit.<sup>ez</sup> e eu não cessarei em rogar a Ds. lhaz conceda.

Tambem rendo a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> az graçaz por me participar a Oração panegirica ã fez noz annoz da S.<sup>ra</sup> Raynha e inspirou Ds. em V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> o fazerme este favor por esmola poiz falando a V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> com toda alizura tenho grande gosto, e me regalo q.<sup>do</sup> leo papeiz de V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> e todoz tem o mesmo gosto poiz não ha couza mais erudicta, eo ã V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> me tinha ia feito favor remeter o virão não só oz meuz Conegoz, maz tambem todoz oz Desembargadorez desta R.<sup>am</sup> e az pessoaz principaiz da terra, e me

custou m.<sup>to</sup> tornallo a haver a meu poder poiz todoz o que-rião, e eu ia daqui estou com grd.<sup>e</sup> diz: devo tambem o outro q̃ V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> me promete por sua grandeza.

Escrevi a Bemviver a hũ Capp.<sup>am</sup> por ser a pessoa q̃ ali há de maiz resp.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> me remeter a informação q̃ V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> me recomendou, e a q̃ elle me inuiou he a incluza athe onde elle poz o seu sinal, e a q̃ se segue ao depoiz della he a q̃ eu achei noz pucaros, tigelas e infuzas q̃ ficão em meu poder, e se seruirem assim az remeterei, e o ponto está a via por onde hão deir p.<sup>a</sup> q̃ não quebrem maiz, e só acho que poderão ir em Caravela ainda q̃ de Inverno poucaz vezez sucede haver aqui ezta embarcação.

Az letraz q̃ se lhe acharão vão bem imitatidaz, az da tigelinha q̃ tem o nome de Maro conforme parece dizerem Maro Primr.<sup>o</sup> me faz conciderar no q̃ dizem alguns m.<sup>tres</sup> da V.<sup>a</sup> de Amarante q̃ esta dita V.<sup>a</sup> fora fundada por Maro Romano, este na Serra do Marão quizera fundar hua cidade e lhe dera principio, e q̃ a mesma Serra delle tomou o nome.

A fig.<sup>a</sup> de Pendorada aonde foi achada esta mina tem hũ Conv.<sup>to</sup> de fradez m.<sup>to</sup> antigo, aonde está hũa grd.<sup>e</sup> reliquia de S. João Bap.<sup>ta</sup> e como... tez fradez são bentoz e compuzerão varias ca... nicaz não sei se em algua dellaz se fará menção de algũa couza a resp.<sup>to</sup> do referido.

Hũ deztez diaz me uierão hunz autoz à mão p.<sup>a</sup> dar hũ parecer em hũa cauza daz freiraz de S.<sup>ta</sup> Clara desta cid.<sup>e</sup>, e como nos mesmoz autoz achei hũa doação mui antiga do Conv.<sup>to</sup> daz freiraz de S.<sup>ta</sup> Clara do Torrão hoie incorporado no sobred.<sup>o</sup> Citio de S.<sup>ta</sup> Clara do Torrão esteia vezinho de Pendorada e do citio donde se achou a mina couza de... quarto de legoa remeto a V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> o trezlado da mesma doação p.<sup>a</sup> della ver esta antiguid.<sup>e</sup> daquella terra, e o por q<sup>m</sup> foi feita a d.<sup>a</sup> doação, e q<sup>m</sup> governaua aquellez dominioz.

Não molezto maiz a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> a q<sup>m</sup> peso me não tenha occiozo no seu seru.<sup>o</sup> poiz dez.<sup>o</sup> m.<sup>to</sup> este emprego. Ds. gd.<sup>e</sup> a V. R.<sup>a</sup> S.<sup>ria</sup> m.<sup>s</sup> a.<sup>s</sup> Porto 21 de Dezv.<sup>o</sup> de 1726.

Aos pes de V. R.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>  
Seu menor criado

*Bernardo de Azd.<sup>o</sup> e Carv.<sup>o</sup>*


R.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Dom Manoel  
Caetano de Souza.

---

III — A

Carta que anda junta à anterior

Em o con.<sup>lo</sup> de Bem uiver frg.<sup>a</sup> e Couto dos Rellegiozos do Mostr.<sup>o</sup> de S. B.<sup>to</sup> de Pendorada, está situado hũ monte qual se achão gravadas ou abertas p.<sup>la</sup> parte de dentro az letraz seg.<sup>tes</sup> MARQI. Pella quebradura da tigela nãos se sabe se principiarião az letraz maiz traz; porem parece q̃. não.

Tambem se achou hũ pucarinho pequeno q̃. leua pouco maiz de meyo quartilho de cor verde ao modo de louça vidrada; porem quebrado de hũa parte, e por baixo da quebradura no boio se lhe achão hũ modo de letras ou algarismo da forma seg.<sup>te</sup> / < / , e p.<sup>la</sup> outra parte do boio se acha tambem grauado no mesmo pucarinho huns riscos ou letraz q̃. tem a forma seg.<sup>te</sup> pouco maiz ou menos .

O q̃. tudo aresp.<sup>to</sup> daz d.<sup>as</sup> letraz se tirou á imitação q̃. se achão grauadaz noz d.<sup>os</sup> vazos ou louça.

As talhaz, q̃. se acharão comaz cinzas e carboes ia hoie não existem e só ha no.<sup>ta</sup> de q̃. ha m.<sup>to</sup> tempo forão achadaz naquelle citio.

Fazendo delig.<sup>ca</sup> p.<sup>a</sup> saber na forma que se acha a mina ou supulturas, me enformão os sug.<sup>tos</sup> que andarão no alisersse da casa que quer mandar fazer o R.<sup>do</sup> Reitor de Sandim no pé do monte chamado de S. Tiago de Arados que he da freg.<sup>a</sup> de são João de Alpendorada Con.<sup>to</sup> de Bem Viver. Este monte he bas.<sup>te</sup> leuantado, e no mais alto delle se conçerua hũa Cappella do d.<sup>o</sup> S.<sup>or</sup> S. Tiago dizem ser do tempo dos Mouros, em tempo que neste sitio habitauão aq... assim omostra por serem paredes diferentes feytio dos do tempo presente.

E andando Homens como fica dito asima no dito alisersse acharão *i0* ou *i2* couas a modo de sipulturas, em saybro lig... em altura pouco mais ou menos de qatro p.<sup>a</sup> 5 palmos, Estas sipulturas estarião distantes hũas das outras 3 ou 4 palmos estavam todas em largura de 30 p.<sup>a</sup> 40 palmos, estas tinham por sima louzas de pedra e outras tinham pelas bandas, estas sipulturas corrião do Norte p.<sup>a</sup> o Sul. e dentro dellas nas cabessas se acha... emfuzas tigellas e pucarinhos na forma que vai não se acharão com sinsa. Mas em hũa infuza se achou dentro em hũa sipultura hũa dita infuza com hũz ossos meudos que mos... se acharão outros, os... remetto. Tambem se acharão tigoles dentro em as syulturas dizem acharão mais pregos por diferente feitio, entre estas *i0* ou *i2* sepulturas se achou hũa p.<sup>a</sup> a p.<sup>te</sup> do poente hũa pedra sabroa por dentro, e no simo della hũa Crus do modo que ja foj remetida (?) a forma della, esta tal pedra estaua emcostada a sipultura. Tambem se achou hũa pia de pedra piquena que leuaria duas ou tres canadas de Agoa e se acharão mais duas ou tres couas



redondas cubertas de louzas, tudo no mesmo sitio não se pode aviriguar o principio disto, que emformandome com as pessoas mais antigas não me dão no.<sup>ta</sup> algũa só acho que algũas p.<sup>as</sup> acharão perto deste sitio algũas Talhas algũas infuzas, nas Talhas se achaua sinsa e caruois, não acho outra no.<sup>ta</sup> só me dizem algũs velhos que no tempo em que os Mouros haitauão no tal Monte Ouuerão Batalhas os Cristanos com elles e não acho outra no.<sup>ta</sup>, no sitio que se acharão as syputuras não consta ouuessem em tempo algũ adficios, no tal sitio, nas ditas syputuras se acharão as 3 Moedas que se remeterão a Crus me dizem lhe mandarão a forma della vão as infuzas e Tigelas na forma que as achej porem q.<sup>to</sup> se andou cabando no saibro se cobrarão o mais dellas. Não se acharão mais ossos que os que estauão dentro na infuza. as infuzas com seus buraquinhos no bojo como della se vera.

Os ossos que se acharão na infuza dizem herão mais ao leuantada da syputura cahirão os mais miudos. Vão os que achej.

*M.<sup>el</sup> de Az.<sup>do</sup>.*

---

#### IV

R.<sup>mo</sup> Snr.

Meu amo e m.<sup>to</sup> meu S.<sup>or</sup> V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> não cessa em me fazer fauorez, e este q̄ me permite de noticiaz suaz he p.<sup>a</sup> mim da maior estimação por ter a certeza lhe continua boa saude, e fico rogando a D.<sup>s</sup> lhas conceda e todaz az felicid.<sup>es</sup>

Rendo a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> az graçaz, e me ponho a seuz pés p.<sup>la</sup> m.<sup>ce</sup> e honra q̄ me fez de me remeter a oração q̄ reci-

tou na Academia em nove do mez px.<sup>o</sup> pasado, poiz assim eu, como todoz oz desta terra somoz mui ambiciozos destes papeiz, porq̃. não há couza q̃ mais deleite o entendim.<sup>to</sup> do q̃ he leloz e ver a grande erudição q̃ nelle se acha. E como não tenho palauraz com q̃ explicar o meu agradecimento aceite V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> a minha ezcravidão em remuneração deste fauor.

Aremesa daz enfuzas, e tigelaz não de a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> cuidado no q̃ rezpeita ao custo do caixão em que hão de ir porq̃. he coiza de tão pouca consideração q̃. se não pode reputar por dezpeza, e me parece q̃ algũ criado meu q̃. correr com esta incumbencia não hade ser tão miudo q̃ ma de em rol; e finalm.<sup>te</sup> he o custo de semelhantez m.<sup>to</sup> limitado em tal forma, q̃ senão faz cazo nesta terra de couza tão limitada; e só o q̃ amim me dara cuid.<sup>o</sup> he irem eztez vasos por terra poiz eztão tão dannificados q̃ receyo q̃ toda a cautella não bazará p.<sup>a</sup> oz acomodar no d.<sup>o</sup> caixão em ts.<sup>os</sup> q̃ la cheguem na mesma forma. Com oz balanço doz carroz, ou beztaz em q̃ vão semelhantez encomendaz, e amim me vierão hunz pucaroz dessa corte por terra p.<sup>a</sup> beber agoa e vindo estez metidoz em huaz talhas grossas e estaz metidas em hũ caixão, e oz d.<sup>os</sup> pucaros acomodadoz nellaz entre farelloz, e aparas de papel, com os d.<sup>os</sup> balansos todo q̃ vierão quebradoz, e só hunz q̃ ao depoiz mandei vir em hũa caravella chegarão bonz.

Já a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> disse a forma em q̃ estauão az d.<sup>az</sup> enfuzas, e q̃ são trez duaz daz quaz tem hunz buraquinhos por sima do bojo, q̃ parece forão feitoz ia naquelle tempo em q̃ senterar.<sup>ão</sup> naz sepulturaz ao modo de vedar luz ao q̃ estaua dentro naz d.<sup>az</sup> enfuzas por serem oz d.<sup>oz</sup> buracoz feitoz com prego, ou ponta de faca, e cada hũ delles pouco maiz ou menoz do tamanho de meio toztão: a outra enfuza não

tem buracoz, e só sim hũ pedasinho fora na boca: a maior (A) dellas levará duaz canadaz de agoa de cuio altor he atira de papel q̃ vai inclusa, são pouco largaz na boca, e hũa dellas he do feitio de almotolia de barro: duaz tigelas por serem m.<sup>to</sup> grosas e do feitio de frigideiraz, estão em bom uzo, ha outra maiz tambem m.<sup>to</sup> grossa (?) maz tem hũa fenda. O pucarinho vidrado, e a tigelinha uermelha em q̃ estão az letraz ia disse a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> a forma em q̃ eztauão, e az quebraduras q̃ tinhão, e não há outra couza maiz q̃ hunz testoz q̃ mostrão ser pedasos de outras enfuzaz.

Fico ezperando az ordens de V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> e a remesa do referido, e farei tudo o mais q̃ me ordenar de seu seru.<sup>o</sup> como pede a minha gr.<sup>de</sup> obrigação. Ds. gd.<sup>e</sup> a V. R.<sup>ma</sup> S.<sup>ria</sup> m.<sup>s</sup> a.<sup>s</sup> Porto 11 de Janr.<sup>o</sup> de 1727.

Aos pes de V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>  
Seu menor criado.

*Bernardo de Azd.<sup>o</sup> e Carv.<sup>o</sup>.*

R.<sup>ma</sup> S.<sup>or</sup> Dom Manoel  
Caetano de Sousa.

(A) [*A margem*] a largura do boio he a q̃ consta da guita, q̃ vai tambem incluza.

---

V

Rm.<sup>o</sup> Sor.

Meu amo e m.<sup>to</sup> meu S.<sup>r</sup> Recebo a de V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> a tempo q̃. me acho de cama com hũa deflucção, maz ja Ds. louvado quazi liure della, porem não pude fazer esta de mão

propria, nem tambem me posso dilatar mais, q̃. em render az graçaz a V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> p.<sup>1a</sup> m.<sup>ce</sup> e honra q̃. me faz de me honrar em toda a occazião, não só em p.<sup>ar</sup> como tambem em p.<sup>co</sup>, e ainda expondo os seuz ereditissimoz papeiz à censura de nelles ir o meu nome, o q̃. só ficará dizculpado com a grandeza, é benigno animo de V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>, com q̃. honra a todos, principalm.<sup>te</sup> a este seu menor criado; pello q̃. me ponho a seuz péz.

An.<sup>to</sup> Cerqr.<sup>a</sup> Pinto entendo escreveuera a V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> q̃. tem em seu poder o caxão com az infuzas e tigellas, p.<sup>a</sup> o remeter com segurança debaixo da proteção de P.<sup>o</sup> da Costa Lima. As d.<sup>as</sup> infuzaz, e tigelas entendo vão com boa segurança, por irem metidas entre farelos, e aparos de papel, e o d.<sup>o</sup> caxão ser de taboa grosa, em forma, q̃ indaq̃. lhe ponhão algũa couza por sima, não ha de correr risco o q̃. leua dentro.

Chegoume a informação, q̃. se fez em Bemvivo (?) a resp.<sup>to</sup> das sepulturas, e p.<sup>a</sup> onde estas tinhão as cabeceiras, e fazendosse toda a averiguação, se não pode assentar con-certeza, o p.<sup>a</sup> onde ficauão az cabeças, poiz as pedras dellas q̃. corrião de Norte a Sul tem tanta largura na d.<sup>ta</sup> p.<sup>te</sup> do Sul como na do Norte, e só hũa sepultura se achaua mais estreita p.<sup>a</sup> a p.<sup>te</sup> do Sul, e p.<sup>a</sup> esta estauam as infuzas, e hũns ossinhos q̃ se acharam, q̃. mostrauão, parecião ser de cabeça poronde se infere tinhão as cabeceiras p.<sup>a</sup> o Sul, e isto he só o q̃. se pode alcansar.

Farei toda a delig.<sup>ca</sup> com o C.<sup>or</sup> do Crime Celestino Cunha a fauor de An.<sup>to</sup> Garcia Srr.<sup>a</sup>, e fie V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de mim q̃. hei de procurar todo o bom successo no liuram.<sup>to</sup> deste prezo.

O q̃. vai dentro no caixão são trez infuzas duas das quaiz tem seuz boraquinhos no bojo, q̃. mostrão serem feitos

no tp. q̃. se meterão nas sepulturas, a outra não tem buraquinhos porq. he quebrada na boca. Vão mais trez tigellas groçaz a modo de frigideiras, vão tambem duas tigelinhas pequenas hua das quaiz tem letras graudadas, e a outra he de hum barro tão vermelho, q̃. parece ser fino, porem estas duas tigelinhas vão quebradas das bordas, vai tambem hum pucarinho quebrado na boca de barro fino e tem letras. Dentro em hũa enfuza, vai hum papel com huns ossos e hum prego dos q̃ se acharam naz sepulturas.

Veja V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> meu S.<sup>or</sup> se nestaz partez tem alguma couza de seu seru.<sup>o</sup> em q̃. me exercite, poiz dez.<sup>o</sup> m.<sup>to</sup> este emprego Ds. g.<sup>de</sup> a Pessoa de V. Rm.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> m.<sup>tos</sup> ann.<sup>s</sup>.

Porto 15 de Feur.<sup>o</sup> de 1727.

Aos pes de V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>  
Seu m.<sup>to</sup> obrigd.<sup>o</sup> Criado

*Bernardo de Azd.<sup>o</sup> e Carv.<sup>o</sup>*

Rm.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> D. M.<sup>ei</sup>  
Caetano de Sousa.

---

VI

R.<sup>mo</sup> Sor.

Meu Amo e meu Sor. Sempre V. R.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> me constitue em mayores obrigações pela m.<sup>cc</sup> e honrra que me continua de suas boas noticias pelo que lhe rendo as graças e me ponho a seus pés.

Já a V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> dei p.<sup>te</sup> no corr.<sup>o</sup> passado que q.<sup>do</sup> quis valer ao prezo Ant.<sup>o</sup> Garcia Frr.<sup>a</sup> o achei sentenceado com degredo p.<sup>a</sup> a India, e agora tambem lha dou que aqui che-

gou hũ seu sogro afalar me no neg.<sup>cio</sup> atempo q̃ ficou desmayado com a sn.<sup>ca</sup>, eu lhe disse se vieçe com embargos, porem o mesmo acha por noticias q̃ tem que não costumar os menistros retratarce nos degredos da India por terem passado a hista de semelhantes mas haa de fazer a dilig.<sup>ca</sup> q.<sup>do</sup> o prezo queira se intente esse meyo.

Nas sepulturas onde se acharão as infuzas se achou a moeda incluza que estava em poder de hu trabalhador da nova obra, que se fas naquele sitio, que cuidando hera ouro a raspou tanto perdeo quazi a forma e da parte q̃ menos se percebe tinha a feitura de hũa mulher, o q̃ não obstante a remeto e fico rendido aos pes de V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> que Ds. g.<sup>de</sup> Porto o pr.<sup>o</sup> de M.<sup>co</sup> de i 727.

Aos pes de V. Rm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>,  
Seu menor criado

*Bernardo de Azd.<sup>o</sup> e Carv.<sup>o</sup>.*

Rm.<sup>a</sup> Sn. M.<sup>el</sup> Cae-  
tano de Souza.

[*Em baixo*] ja avisei da pronta remessa das infuzas.